

Mulheres ao volante para sustentar famílias

WALTER MBENHANE

LEVANTAR e/ou deitar-se de madrugada e correr o risco de serem assaltadas são dois cenários de sacrifício que algumas mulheres enfrentam para garantir o sustento de suas famílias.

FOTOS DE C. BERNARDO



Mulheres que de tudo fazem pelo bem-estar das famílias



Tive de me comportar como homem... - Mariamo Abias

São vários os casos de mulheres que conduzem autocarros da Empresa

foi submetida a vários exames e, mais tarde, à reciclagem. Só depois disso é que foi autorizada

quadros da extinta TPM, em 2009, em resposta a uma oferta de emprego. Ela é casada e mãe

a sua licença de condução não a habilitava a dirigir veículos de transporte de passageiros.

“Depois de obter a licença de serviços públicos fui submetida a vários treinos e reciclagem, e só

dividir o tempo para cuidar da casa, família e do trabalho.

Falando à reportagem do “Notícias”, Guilhermina Chissumba disse que gosta do trabalho que faz, mas para lograr sucesso é preciso ser-se organizado.

“Não é fácil, mas como tenho o apoio do meu marido acabei por me habituar, e hoje gosto do trabalho que faço.

O horário é pesado. Quando estou no turno da manhã, por exemplo, sou obrigada a levantar-me às 02.45. E quando entro à tarde, às vezes chego à casa às 02.30, mas o meu parceiro compreende”, disse.

À semelhança da nossa anterior entrevistada, Mariamo Abias considera que o segredo para o sucesso na vida está em conseguir dividir o pouco tempo disponível em função das várias tarefas e partilhar os afazeres com os outros membros da família.

“Em casa tenho as minhas responsabilidades, os meus filhos

“Para mim este é o turno mais aborrecido. Não gosto de interromper o sono, mas o trabalho é mais importante, por isso tenho de acordar. No troço entre a casa e a paragem há risco de sermos assaltados, mas é preciso enfrentar a situação”, disse.

Maria Vitória Machava disse que consegue conciliar o seu emprego com a família e tem o apoio do seu esposo, que é também motorista na EMTPM.

BURACOS E TRÁFEGO INTENSO PRINCIPAIS CONSTRANGIMENTOS

Os buracos em diversas vias das cidades de Maputo e Matola e o congestionamento, muitas vezes provocado por “chapeiros”, são os principais constrangimentos que as condutoras enfrentam no seu dia-a-dia.

nosso trabalho seria uma maravilha. Mas vamos dando o nosso máximo para fazermos o trabalho com dedicação e responsabilidade”, disse.

Por seu turno, Guilhermina Chissumba afirmou que “as estradas não oferecem condições para trabalharmos à vontade”.

... ELAS TÊM SONHOS!

As entrevistadas dizem que têm sonhos que esperam ver, um dia, realizados.

Em contacto com o “Notícias”, Mariamo Abias afirmou que o seu sonho é ter uma viatura própria de transporte de passageiros.

“Depois de me reformar gostaria de ter uma viatura para desenvolver um negócio próprio. Quero continuar a trabalhar no transporte porque gosto de lidar com pessoas”.

O sonho de Guilhermina Chis-

São vários os casos de mulheres que conduzem autocarros da Empresa Municipal de Transportes Públicos de Maputo (EMTPM), táxis, carros escolares

foi submetida a vários exames e, mais tarde, à reciclagem. Só depois disso é que foi autorizada a sentar ao volante, naquilo que constituiu a materialização de um desejo que vinha sendo alimen-

quadros da extinta TPM, em 2009, em resposta a uma oferta de emprego. Ela é casada e mãe de quatro filhos.

Explica que quando viu o anúncio no Jornal, dando conta de que

a sua licença de condução não a habilitava a dirigir veículos de transporte de passageiros.

Conta que teve de ser a empresa a custear as despesas para ela voltar à escola de condução com

"Depois de obter a licença de serviços públicos fui submetida a vários treinos e reciclagem, e só mais tarde é que passei para os autocarros", disse Chissumba, acrescentando que "nos primeiros dias trabalhei na companhia de um instrutor da empresa".

Maria Vitória Machava, de 43 anos de idade, é taxista desde 2007. Vive no bairro Trevo, no município da Matola, e é mãe de três filhos. Entrou na condução inspirada numa outra mulher que na altura já dirigia um táxi.

"Fiquei emocionada e fui a uma agência de táxis que funcionava por detrás da extinta 'Interfranca', onde me candidatei a emprego. Fui aceite. Mas antes me perguntaram se ia conseguir fazer aquele tipo de trabalho, ao que respondi que sim", diz Maria Vitória Machava.

Confessa que no princípio foi difícil ser taxista, mas a força de vontade foi mais forte e hoje gosta muito do que faz.

CONCILIAR PROFISSÃO COM DEVER FAMILIAR

A harmonização das obrigações profissionais de motorista com os deveres de dona de casa é um dos segredos do sucesso, segundo contam as motoristas entrevistadas pelo "Notícias". Sublinham que é preciso saber



Nos primeiros dias trabalhei na companhia de um instrutor - Guilhermina Chissumba

e de maquinistas que dirigem equipamentos pesados.

Algumas destas mulheres entrevistadas pelo "Notícias" não concordam com a ideia de que existem profissões reservadas exclusivamente aos homens, assegurando que elas são capazes de realizar qualquer tipo de trabalho.

Elas afirmam que se empenham duramente para manter os filhos na escola e garantir que não falte pão à mesa.

Mariamo Abias, de 50 anos de idade, residente no bairro São Dâmaso, casada e mãe de quatro filhos, é motorista na EMTPM desde finais de 2005. Passou antes pelo Conselho Municipal da Cidade de Maputo, onde conduzia camiões de recolha de lixo.

Explica que a sua chegada à extinta TPM (actual EMTPM) foi o concretizar de um velho sonho. "Sempre sonhei conduzir autocarros de transporte de passageiros, por isso submeti toda a papelada que era exigida para concorrer ao emprego", conta.

Mariamo Abias detalha que, à admissão não se seguiu, de imediato, a condução. Primeiro

tando desde a infância.

Ela conta-nos que a primeira rota que percorreu como condutora foi Baixa/Machava-Socimol. Diz não ter sido fácil, uma vez que na altura era a única mulher a conduzir um autocarro, a nível da empresa. Foi um embaraço que acabou por ser superado com o tempo.

"Na verdade tive de me comportar como se fosse homem porque era a única mulher na empresa. Os próprios homens chegaram a dizer, a brincar, que 'Mariamo não é mulher, é um homem' devido à forma como trabalhava", disse acrescentado: "fiquei feliz quando, em 2008, admitiram cobradoras e tive a felicidade de trabalhar com uma outra mulher".

Recorda-se dos primeiros dias em que formou uma dupla com uma cobradora. "Foi um grande orgulho, até porque os passageiros se admiravam quando viam mulheres a exercerem este tipo de actividade".

Guilhermina Chissumba, de 48 anos de idade, residente no bairro de Hulene, na cidade de Maputo, é outra mulher que integrou os

a empresa precisava de condutoras, submeteu os documentos exigidos, embora soubesse que

vista à obtenção da carta para o efeito, tendo passado a conduzir passageiros a partir de 2010.



Maria Vitória Machava - Gosto do trabalho que faço

dividir o pouco tempo disponível em função das várias tarefas e partilhar os afazeres com os outros membros da família.

"Em casa tenho as minhas responsabilidades, os meus filhos têm a sua missão e o meu marido também. Todos nós temos que contribuir para o desenvolvimento da família", disse. Ela afirmou que quando está escalada para o primeiro turno é obrigada a levantar-se às 02.45 horas e, rapidamente, prepara-se para conseguir aceder, às 03.00 horas, ao autocarro de recolha do pessoal.

das cidades de Maputo e Matola e o congestionamento, muitas vezes provocado por "chapeiros", são os principais constrangimentos que as condutoras enfrentam no seu dia-a-dia.

Mariamo Abias explica que os buracos e a condução desordenada tornam a actividade uma "tortura" porque, várias vezes, são obrigadas a fazer manobras perigosas pondo em risco a vida dos passageiros.

"Se as estradas estivessem em condições e os 'chapeiros' não embaraçassem o tráfego, o

desenvolver um negócio próprio. Quero continuar a trabalhar no transporte porque gosto de lidar com pessoas".

O sonho de Guilhermina Chissumba é conduzir um camião de longo curso, estando a esforçar-se para atingir esse objectivo. "Gosto de ver as pessoas a conduzirem um camião Freightliner, por isso vou fazer de tudo para concretizar o meu sonho", disse.

Ter uma frota de táxis é o desejo de Maria Vitória Machava. "Gosto do trabalho que faço", rematou.

Buscando Leis

Dídier Malunga

Pensar de novo nas relações familiares (3)

PENSANDO na criança como um ser humano em crescimento, preocupa-nos o facto de muitas vezes ela não merecer dos adultos a necessária compreensão.

Sublinhámos nos artigos anteriores que a condição de criança não pode ser vista como incapacidade absoluta de intervenção nas relações sociais, principalmente as que lhe dizem respeito. A criança deve ser reconhecida a autodeterminação e o direito de participação em matérias em que ela deva ser protagonista. Está em causa o direito à expressão e o respeito pela sua dignidade humana.

Os pais têm inequivocamente a responsabilidade de conduzir os destinos da criança durante todo o período que se estende até à sua maioridade (21 anos) e neste aspecto a nossa tese é de que não se deve olhar esta posição numa perspectiva autoritária.

Os pais detêm o poder parental, mas obrigam-se a transmitir valores éticos, morais, familiares e culturais estruturantes de uma personalidade equilibrada e tolerante (artigo 291 da Lei da Família). A educação dos filhos visa a autodeterminação dos mesmos e não a sua eterna dependência.

O exemplo mais comum nesta discussão é a definição de opções de formação ou crença religiosa. Se, na hipótese, um filho de 17 anos comunica os pais que não mais irá acompanhá-los para um certo convívio religioso por optar noutro, várias podem ser as ligações dos progenitores.

Desrespeito, desvio comportamental, influências nocivas externas ou mais interpretações seriam chamadas pelos pais para justificar a sua intolerância para com as opções do filho. O que não se contempla no meio do conflito é a conversa franca e fraterna para a compreensão do fenómeno que assola o filho. Aos 17, este está a quatro anos da sua maioridade. Está em progressiva autodeterminação. Os pais rejeitam

a sua opção por quatro anos e ele poderá voltar a aderir na mesma para o resto da sua vida. Provavelmente, um exercício mais profundo dos pais poderia influenciar o filho a manter-se na linha religiosa familiar demonstrando o peso de valores que eles consideram, comparativamente com a outra opção. Os pais devem ser líderes e não chefes autoritários para o alcance deste desiderato. O exemplo ilustrado conduz-nos a um pensar de novo no direito dos menores (menor no sentido de pessoa ainda sem capacidade jurídica de exercício de direitos) com maior atenção nos seguintes aspectos:

A base constitucional referida no artigo 47 fixando o imperativo à protecção e aos cuidados necessários ao bem-estar da criança, valorizando as suas opiniões, nos assuntos que lhes dizem respeito, em função da sua progressiva maturidade.

As respostas familiares quanto à conduta conflituosa dos menores devem assentar na orientação pedagógica, evitando tratamentos que possam desembocar na crueldade, violência ou outra atitude humilhante, constrangedora da sua dignidade humana. A criança tem a sensibilidade suficiente para entender a arbitrariedade dos adultos na sua tarefa de educador e a falha neste aspecto poderá conduzir à deformação da personalidade e servir de refúgio para mais desvios comportamentais.

Pensar de novo no direito dos menores pressupõe reconhecer a autonomia normativa deste ramo emergente. Moçambique já deu significativo passo com a aprovação das leis da Promoção e Protecção dos Direitos da Criança e da Organização Tutelar dos Menores, instrumentos de contínua aprendizagem prática para a efectiva cobertura do superior interesse do menor.

Jurista: didiermalunga@gmail.com